

Mais eleições à porta. Há décadas que alternamos entre o PSD e o PS e conhecemos bem as suas políticas em relação aos trabalhadores e em particular aos estrangeiros a quem são recusados os direitos mais elementares. Queremos mudar esta situação e pressionar quem faz as leis. Por isso vamos manifestar mais uma vez na rua contra a política actual de imigração.

CONTRA A NOVA ESCRAVATURA POR AUTORIZAÇÃO DE RESIDÊNCIA PARA TODOS

CONCENTRAÇÃO NO MARTIM MONIZ

domingo 10 de Março, às 15 horas
A presença de todos é importante!

Incitamento à colaboração policial

Foi com grande indignação que descobri um artigo no Diário de Notícias de 13 de Fevereiro de 2002, cujo título é "cooperação facilita vistos de residência". Segundo o texto, a cooperação (com a polícia) facilita a concessão de vistos de residência, do meu ponto de vista em condições estranhas e ilegais, porque baseadas na traição e na venda da dignidade humana e na nítida divisão entre os ilegais.

Acho que o comissário português António Vitorino, depois de experimentar em Portugal os famosos vistos de permanência, com as inúmeras falhas que envolvem e dificuldades que causam aos imigrantes, está a armar-se em Machiavel da Europa.

A luta dos imigrantes deve e só pode ser uma, e nunca concretizará ne-

nhum êxito na divisão. Cabe aos imigrantes legais ou ilegais tomar consciência da importância da união para combater essas políticas maquiavélicas e discriminatórias do comissário António Vitorino. Deve atacar-se o mal pela raiz; isto quer dizer, tentar arranjar leis humanas e populares para humanizar as relações entre autoridade e sociedade civil, o mundo em geral, para solucionar em vez de semear a zizania, a traição, a mentira e a hipocrisia entre pessoas ligadas a um mesmo destino.

Queremos direitos iguais para todos e a transformação dos vistos de permanência em autorizações de residência.

Ibrahim Keita (Ass. luso-senegalesa)

editorial

Direito de voto por conquistar

Aproximam-se novas eleições. Contrariamente às autárquicas, em que uma minoria de estrangeiros residentes em Portugal podia candidatar-se e votar, desta vez, apenas os cidadãos nacionais poderão fazê-lo.

É absurdo, mas é assim: os imigrantes que aqui residem há vários anos, que estão integrados na sociedade portuguesa, que sofrem as consequências da política nacional e internacional portuguesa, não têm o direito de escolher aqueles que os governam. Em contrapartida, os portugueses que residem no estrangeiro, muitos deles já quase sem ligações a Portugal, podem participar nas eleições portuguesas. No entanto, no país onde vivem, também eles não têm o direito de votar - salvo raras excepções.

O direito de voto deve exercer-se no país de residência, qualquer que seja a nacionalidade do residente. É onde vivemos que nos interessa ter a nossa palavra a dizer. Exijamos esse direito também para os estrangeiros.



EURO 2004 à custa de trabalho escravo?

O estado português pretende concretizar o campeonato europeu de futebol de 2004 como fez com a Expo 98: utilizando em larga escala a força de trabalho de milhares de imigrantes a quem são negados os direitos mais elementares de cidadãos e de trabalhadores.

A Solidariedade Imigrante esteve nas obras do novo estádio de Alvalade e falou com alguns trabalhadores do estaleiro. Confirmámos que as relações e condições de trabalho que aí vigoram fazem lembrar o século XIX: muitos trabalhadores estão ilegais, quer dizer que apesar de necessários, não lhes foi dada nenhuma autorização de residência e nem sequer o visto de per-

manência. Outros trabalham à hora porque ganham mais. Não são cumpridas as leis do trabalho, não existe contratação colectiva, reina antes a lei da selva e do lucro a todo o preço.

Para que, do lado dos trabalhadores, o Euro 2004 não seja como a Expo 98, é necessária uma grande mobilização nos locais de trabalho, com a participação dos sindicatos e das associações, para exigirmos direitos laborais, segurança e condições de trabalho humanas. Até 2004, os trabalhadores das grandes obras públicas têm a faca e o queijo na mão. É uma oportunidade que não pode ser desperdiçada como o foi há quatro anos atrás. A luta vai continuar.

CASOS

que passaram pela Associação:

Uma senhora de Cabo Verde que estava a trabalhar num restaurante foi despedida porque faltou um dia. O patrão disse que não lhe ia pagar o que lhe devia. A Solidariedade Imigrante interveio e o patrão recuou, enviando o cheque devido para a sede da Associação. Isto foi uma vitória para a senhora e para a Associação.

✽

Uma outra senhora da Guiné-Bissau foi ver o seu médico para pedir um atestado, a fim de tratar da sua autorização de residência. O médico, racista, disse que a senhora devia voltar para a Guiné. Mas ela lutou até conseguir o seu atestado médico.

✽

Uma senhora de Angola foi ao SEF para tratar da prolongação do seu visto de estadia, porque estava doente. A funcionária do SEF – tão racista e xenófoba como ignorante – disse que a senhora tinha que regressar a Angola.

Mouhameth Sock



Alqueva

Há quatro décadas que a barragem do Alqueva estava programada. Os anos foram passando, caiu o fascismo, veio a revolução e depois a reforma agrária e depois a integração na CEE e a destruição progressiva da agricultura portuguesa, e o projecto continuou na gaveta. Até que vieram as faraónicas obras públicas dos anos 90 e os campos de golfe para os ricos - campos que necessitam de muita água. E aqui temos a barragem do Alqueva. Construída com a exploração de muito trabalho clandestino, mal pago e desprezado, à custa da saúde e por vezes da vida de muitos imigrantes.

OS DIREITOS DO TRABALHO

Faltas justificadas

1. São consideradas justificadas as faltas por impossibilidade de prestar o serviço para cumprir obrigações legais, para dar prestação de assistência inadiável a membros do agregado familiar, por doença ou acidente;
2. Em caso de casamento, o trabalhador tem direito a onze dias úteis seguidos.
3. Em caso de falecimento do cônjuge não separado de pessoas e

bens, pais, filhos, sogros, enteados, genros e netos, há direito a cinco dias consecutivos.

4. Em caso de falecimento de avós, netos, irmãos, tias e cunhados ou de pessoas que vivam em comunhão de vida e habitação com o trabalhador, há direito a dois dias consecutivos.

5. Em caso de nascimento de filhos, há direito até dois dias.

Augusto Banjaqui

Encontros culturais

O nosso grupo da interculturalidade tem organizado todos os sábados jantares dedicados a um ou mais países, com comida típica, música, dança e histórias. Têm sido momentos de caloroso

convívio e de transmissão e conhecimento de culturas. Já se realizaram as noites de Angola, Guiné-Bissau, Cabo Verde e Moçambique. Eis o programa dos próximos eventos:

2 de Março: Brasil e países da América Latina

9 de Março: Togo

16 de Março: países da Europa de Leste
migrações e música:

22 de Março: capoeira

23 de Março: jazz

24 de Março: música da Europa de Leste

26 e Março: música da África ocidental.



Os encontros têm tido lugar na sede da Associação, na Rua da Madalena, estão abertos a todos os sócios e amigos, desde que façam a marcação até ao dia anterior.

Por 5 euros, vem divertir-te e aprender!

Discriminação no trabalho

Passados dois anos de negociações inflexíveis entre a União Europeia e o governo de Marrocos, assiste-se agora ao abate de vários navios de pesca que põe em perigo muitos postos de trabalho, em Sesimbra e em Portimão. Várias famílias portuguesas andam às favas, já que o mar de Marrocos não está para peixe. Dezenas de pescadores marroquinos imigrados em Portugal andam a perambular, derrotados, pelas ruas a ver navios. Em terra andam à deriva, pois a única tábuca de salvação nesse "mar de lama" internacional era um subsídio que no passado mês de Dezembro foi pelos ares sem aviso prévio. Apenas os marroquinos sofreram esse corte.

Preocupados com a sua sorte e conscientes de que sozinhos não poderão conquistar os direitos que os nacionais da União Europeia já conseguiram, alguns desses pescadores já contactaram com o sindicato e se associaram na Solidariedade Imigrante.

Juvenil Ribeiro

Serviço Voluntário Europeu

O SVE, Serviço Voluntário Europeu, não é para nós um termo desconhecido. Muitos de nós se lembrarão da jovem francesa, a Jeanne, que, com muita motivação e entusiasmo, participou na construção desta associação. O SVE é um programa de intercâmbios que permite a jovens europeus instalar-se num outro país temporariamente para aí se integrarem nas actividades mais variadas que oferecem as associações. A sua estadia é paga pelo Estado no âmbito desse programa. A Solidariedade Imigrante candidatou-se com o seu projecto, que foi aceite pelo Instituto Português da Juventude, e já recebeu muitas candidaturas de jovens interessados em trabalhar com a imigração. Teremos agora que seleccionar dois deles e em breve poderemos contar com mais dois colaboradores vindos de outros países da Europa. Para além da preciosa ajuda que eles representam, teremos certamente muito a aprender com eles.

Cursos

Para além do curso de português língua estrangeira, já temos a funcionar turmas de russo, inglês e árabe. Estão abertas inscrições para o curso de informática nível zero, de crioulo, assim como para novas turmas dos cursos já iniciados.

A humanidade

A este grande nome eu juntaria "fraqueza". Pois, quantos valores o ser humano não perdeu através dos quatro cantos do mundo! O sol da verdade dissipou-se no horizonte desmedido da rivalidade, deixando na sombra da mentira a dúvida e as falhas da traição. O ser humano, embriagado de vigores mundanos, alimenta-se de desejos e de prazer a todo o custo. Eu hesito nos caminhos que levam a um amanhã duvidoso e incerto onde já correm os rios de sangue e de lágrimas. A humanidade perdeu o seu humanismo e o punhado de pessoas que parece dirigi-la conjugam as suas forças e as suas ideias de hipócritas baseadas no interesse pessoal, continuam a dominar e a aviltar o ser humano. Por que é que o homem continua a explorar? Porquê tanto ódio? Tanta violência? Tanta rejeição? Porquê essas guerras, essas lágrimas?

Homens de todos os países, mulheres de todas as nações, a única luta que merece ser levada a cabo é a que instaura a paz, a justiça, que leva ao desabrochar do ser humano. Pode-se matar, exilar, aprisionar o ser humano, mas nunca as suas ideias.

Para todos aqueles que trabalham para um mundo sem violência.

Papa Sarr

Poema

Ele levanta-se cedo, enfrentando o frio às vezes à chuva

Habitou-se às grandes jornadas lancinantes

aceitando e suportando os maus tratos do patrão.

Deixou a sua terra natal para procurar melhores condições de vida.

Ele não tem segurança, não tem direitos.

O seu nome é IMIGRANTE.

Papa Sarr

Uma pequena história sobre o Senegal

A história que vou contar é uma história muito importante para o continente africano em geral e para o Senegal em particular. É uma história sobre a descolonização do continente africano e do Senegal, marcada por alguns homens senegaleses muito importantes, entre os quais Léopold Sedar Senghor, Walidiodio Ndiaye, Mamadou Dia, Lamine, etc., que foram quase todos membros do Movimento dos Estudantes Negros (Mouvement des étudiants noirs) em Paris. Todos os antigos líderes e presidentes da África libertada participaram nesta associação que, associada ao movimento dos escritores negros, deram os primeiros passos para o nacionalismo e a libertação dos países africanos.

No caso do Senegal, Léopold Sedar Senghor, que morreu em 20 de Dezembro de 2001 em França, foi uma personagem central para a conquista da independência do Senegal. Foi o primeiro presidente desse país, durante vinte anos. Abandonou o poder livremente a favor do seu primeiro-ministro Abdou Diouf, mudando o artigo 35º da constituição da República. Assim, o mesmo Abdou Diouf chegou também ao poder por este meio.

No seu primeiro discurso na qualidade de segundo e novo presidente da república, prometeu a abertura política total, dizendo que no Senegal há muitas mesquitas, quem quer ser iman é livre de o ser; que o nosso barco "Sunugal" é muito grande.

Mas este discurso era para enganar e dividir os cidadãos senegaleses para melhor governar sem medo nem



ameaça duma qualquer força política massiva que poderia desestabilizar o seu reinado ainda fraco. Esta maneira de governar fez recuar a democracia no meu país, obrigando ao fecho das empresas e causando o consequente desemprego. Os investidores, perdendo a confiança na política do regime dictatorial de Abdou Diouf, fugiram do Senegal. No sul do país, o demónio da secessão retomou as suas forças e muito sangue foi derramado, tanto do lado das

forças armadas republicanas e civis como do lado dos secessionistas. É uma página escura do Senegal durante quase vinte anos que se prolonga até hoje por causa desta rebelião no sul do Senegal. Felizmente Abdou Diouf foi derrotado democraticamente nas eleições de Fevereiro de 2000. Hoje, com o terceiro presidente, Abdoulaye Wade, os senegaleses que estavam fora da terra por causa do regime rejeitado de Abdou Diouf começaram a voltar ao país. O povo começou a ter confiança na nova política do novo regime. Os homens de finança voltaram e no sul do país começaram vários encontros entre as autoridades do governo central e os activistas da rebelião no sul.

Marcel Gomis

Luta pelo direito ao asilo na Austrália

Detidos na Austrália, no centro de detenção de Womera, jovens refugiados afegãos e iraquianos entraram em greve de fome e ameaçaram suicidar-se, caso não fossem retirados daquele centro de aprisionamento. Cose-ram as bocas para não serem alimentados e um deles chegou a lançar-se por cima do arame farpado, tendo ficado gravemente ferido.

Oa aprisionados estão há cerca de dois anos à espera do estatuto de refugiado ou asilado. O apoio da população australiana foi importante nesta luta, tendo alguns manifestantes sido espancados e detidos pela polícia. Mas não em vão.

Alguns aprisionados acabaram por ser retirados do centro de detenção e as autoridades australianas encaram a hipótese de fechar o centro de detenção (concentração) de Womera, como forma de evitar uma "tragédia humana com proporções imprevisíveis", ao mesmo tempo que 246 refugiados continuavam a recusar alimentos, entre os quais nove mantinham ainda a boca cosida.

É irónico como Estados que se consideram de direito e democráticos, conhecedores da situação que se vive no Afeganistão e no Iraque, ainda agravada pela ofensiva americana no seu "combate ao terrorismo", sem que para isso tenha laqueado as trompas para não parir mais terroristas, estejam à espera de um decreto que considere estes cidadãos refugiados ou asilados. A luta destes cidadãos mostrou que tal não é necessário e eles estão a sair vitoriosos.

Só com a luta se conquistam direitos e só com direitos se vive com dignidade!

Juca